

# RESISTÊNCIAS E COLABORAÇÕES AFRICANAS em dois relatos de viagens em Angola no século XIX

Recebido: 10/02/2019  
Aprovado: 19/05/2019

Gabriel Felipe  
Silva Bem 

Mestrando em História Social  
da Cultura pela Universidade  
Federal de Minas Gerais.

## RESUMO

O presente trabalho procura problematizar a ação dos nativos na região norte de Angola do século XIX frente à colonização portuguesa, principalmente em relação à “colaboração” e à “resistência”. Tomou-se como fonte para essa pesquisa dois relatos de viajantes: o de Joaquim Rodrigues da Graça (1843-1847) e o do Major Henrique Dias de Carvalho (1884-1888), que visitaram a região conhecida como Lunda. A partir de uma visão global das relações sociais que permeavam o espaço colonial, o artigo propõe que a utilização dos conceitos de colaboração e resistência, de maneira estanque, é reducionista e não reflete a complexidade das relações coloniais.

## PALAVRAS-CHAVE

Angola; Colonização Portuguesa; Resistência; Colaboração.

## Introdução

Este artigo dissertará sobre as diferentes atitudes das sociedades africanas diante da presença colonial portuguesa no território de Angola, durante o século XIX, a partir da análise de dois relatos de expedições portuguesas: o de Joaquim Rodrigues da Graça (1843-1847)<sup>1</sup> e o do Major Henrique Dias de Carvalho (1884-1888)<sup>2</sup>. As duas viagens tiveram o mesmo destino, Mussumba, capital do país<sup>3</sup> da Lunda, que exercia a liderança local e onde governava o Muatiãnvua, mas percorreram caminhos diferentes. Pretende-se, por meio da leitura comparada dessas fontes, discutir as diferentes estratégias oferecidas pelas populações locais à presença de agentes sociais portugueses em seus territórios. As ações dos povos nativos condicionaram os limites e as possibilidades da dominação colonial, e estavam inseridas em complexos sistemas que envolviam ganhos, poder, valores tradicionais e sobrevivência.

A ocupação portuguesa em Angola, até o século XIX, foi muito limitada ao litoral, às margens do rio Kwanza e a pequenos pontos no interior, onde eram instituídos os presídios. Nestes, a autoridade portuguesa era mais limitada ainda, tendo que ser a todo momento negociada com os povos locais, que exerciam de fato a autoridade.<sup>4</sup> A principal atividade econômica de exportação até o século XIX foi o comércio de pessoas escravizadas para o Brasil, o que exigia muito pouco investimento português. Talvez por isso, a própria ligação das elites comerciais de Benguela e Luanda com Portugal fosse muito reduzida. As elites mantinham redes familiares e de contato muito mais profundas com o Rio de Janeiro do que com Lisboa.<sup>5</sup>

O grande ponto de virada foi a independência brasileira e a consequente mudança de foco da política colonial portuguesa para África. A ideia de criar um império que compensasse a perda do Brasil surgiu já na década de 1820.<sup>6</sup> O interesse português de manter suas colônias ia muito além do aspecto econômico, já que existia uma preocupação de que Portugal pudesse ser anexado à Espanha, sendo a existência das colônias uma garantia da independência portuguesa. Além disso, havia um discurso

---

1 Joaquim Rodrigues Graça, *Descrição da viagem feita de Loanda com destino ás cabeceiras do rio Sena, ou aonde for mais conveniente pelo interior do continente, de que as tribus são senhores, principiada em 24 de abril de 1843*, In: *Annaes do Conselho Ultramarino, Parte não-oficial, 1ª série, 1854-58*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1867.

2 Henrique Augusto Dias de Carvalho, *Expedição Portuguesa ao Muatiãnvua 1884-1888: Descrição da viagem à Mussumba do Muatiãnvua*, Vol. I: de Loanda ao Cuango, Lisboa, Imprensa Nacional, 1890; Vol. II: do Cuango ao Chicapa, 1892; Vol. III: do Chicapa ao Luembe, 1893; Vol. IV: do Luembe ao Calanhi e regresso a Lisboa, 1894.

3 País, ou “paiz”, é o termo mais comum para se referir a Lunda nas fontes.

4 Isabel C. Henriques, *Percursos de Modernidade em Angola: dinâmicas comerciais e transformações sociais no século XIX*, Lisboa, IICT, 1997.

5 Roquinaldo Ferreira, “Biografias como história social: O clã Ferreira Gomes e os mundos da escravidão no atlântico”. *Varia Historia*, 29, 51 (2013), p. 679-695.

6 Valentim Alexandre, “O império português (1825-1890): ideologia e economia”, *Análise Social*, 169 (2004), p. 959-979, p. 961-962.

identitário que fazia Portugal ser entendido como um Império Colonial, fazendo com que a continuidade do projeto colonial fosse fundamental.

Buscando modernizar as relações coloniais, uma reforma da política ultramarina foi pensada pelo Marquês de Sá da Bandeira, nome forte da política portuguesa, cinco vezes presidente do Conselho de Ministros e sete vezes ministro de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar entre as décadas de 1830 e 1860. O ponto fundamental da reforma seria acabar com o tráfico atlântico de escravizados, que continuava intenso mesmo com a independência do Brasil.<sup>7</sup> Sá da Bandeira acreditava que o fim do comércio não só traria benefícios para Angola, por meio de uma maior concentração da atividade econômica em produtos agrícolas, como também daria um duro golpe na economia brasileira, que não contaria mais com os cativos para plantar, nem teria a renda proveniente do comércio de escravizados, diminuindo assim a oferta de produtos tropicais no mercado e abrindo espaço para produtos vindos da África.<sup>8</sup>

Um decreto de 1836 tornou ilegal o tráfico de escravizados nos territórios portugueses, mas esse decreto não foi respeitado em Angola, pela resistência das elites comerciais e a contínua demanda brasileira. A viagem de Joaquim Rodrigues Graça se insere nesse contexto, constituindo, em parte, uma tentativa de colocar fim no comércio de escravizados através de negociação com os sobas<sup>9</sup> do interior.

Na década de 1850, dois fatores contribuíram para que Sá da Bandeira pudesse reformular sua política colonial: o primeiro foi a grande queda do tráfico causada pelas políticas brasileiras de proibição da importação de cativos, o que, segundo ele acreditava, abriria espaço para o investimento em produtos agrícolas. Um segundo fator é que Portugal vivia um novo momento de estabilidade política devido ao golpe da Regeneração.<sup>10</sup> Essas condições favoráveis não foram suficientes para realizar as modernizações nas colônias desejadas pelo ministro. O incentivo para a imigração branca, vista como fundamental, não teve êxito, já que os portugueses preferiam imigrar para a América. Além disso, o financiamento para vários projetos não foi obtido.

Apesar disso, o movimento pela abolição da escravidão teve grande avanço com o decreto de 29 de abril de 1858, assinado por Sá da Bandeira, que determinava o prazo de vinte anos para efetivá-la. Em 1869, foi instituído o estatuto do liberto, que, apesar de ser um avanço legislativo, na prática apenas mudava a condição nominal de escravo para liberto, já que o escravizado ainda tinha a obrigação de servir ao seu senhor até 1878, podendo até mesmo ser arrendado. Mas a perspectiva de liberdade estava posta.

---

7 Alexandre, "O império português (1825-1890)", p. 965-968, p. 959-979.

8 Elaine Ribeiro. *Barganhando sobrevivências: os trabalhadores da expedição de Henrique de Carvalho à Lunda (1884-1888)*. São Paulo, Alameda, 2013, p. 55.

9 Era o como os líderes tradicionais eram chamados.

10 Governo da Regeneração é o nome dada ao período da Monarquia Constitucional portuguesa que se seguiu ao golpe militar de 1º de maio de 1851, sendo marcado por uma tentativa de desenvolvimento econômico.

Na ideologia colonial da época, acreditava-se que era necessário haver um período de transição, para que os escravizados pudessem se adaptar ao trabalho livre.

A partir da década de 1870, Portugal viu o aumento da ameaça estrangeira nos seus territórios africanos. O investimento de potências europeias na África se tornou crescente e as expedições inglesas e alemãs chegavam cada vez mais próximas dos territórios reivindicados por Portugal. Isso impulsionou um novo projeto colonial português, dessa vez guiado por Andrade Corvo, Ministro dos Negócios Estrangeiros, que esbarrou nos mesmos problemas que os projetos de Sá da Bandeira, mas teve certo sucesso. Um dos frutos dessa nova fase foi a criação da Sociedade de Geografia de Lisboa, em 1875, que intensificou o debate científico acerca das colônias e levou a questão da necessidade de civilizar os indígenas a uma ampla discussão, até virar política oficial, além de também promover algumas expedições de exploração, como a de Henrique Dias de Carvalho.

É nesse contexto, de tentativa de Portugal de firmar o território angolano, que se insere a expedição de Carvalho. O objetivo principal da expedição tinha duplo sentido: o primeiro era o de firmar contrato de lealdade com os povos do interior e ampliar as ligações comerciais, para garantir o território internamente; o segundo era o de mostrar para as outras potências a capacidade portuguesa de atuar na África como um agente civilizador.

Com o andamento da expedição, Carvalho percebeu que seria importante resolver a instabilidade política na região da Lunda. Sem isso, ele não conseguiria que o acordo de vassalagem pretendido tivesse vida longa. Cabe aqui uma curta explicação sobre o contexto histórico da Lunda na época das expedições.

Até o século XVIII, a Lunda era uma região isolada do contato direto dos portugueses, porque os bêngalas, ou imbangalas, que habitavam uma região conhecida como Cassanje, ou Kasanje, foram capazes de controlar as redes de mercadorias e pessoas que saíam da Lunda com direção à Costa Ocidental. No início do século XIX, existiram algumas tentativas, por parte de comerciantes em Luanda, de estabelecer uma rede direta através de caminhos alternativos ao Cassanje, o que criou certa tensão na região.<sup>11</sup> Esse isolacionismo, aliado a um forte fluxo comercial, contribuiu para a criação do mito de que a região governada pelo Muatiânvua era próspera e rica, ideário muito presente nos relatos aqui estudados.

Além dos lundas, a região era habitada por um povo denominado como quiocos<sup>12</sup>, que segundo consta nas tradições orais levantadas pelo próprio Carvalho, surgiram a partir de um desmembramento dos potentados lundas e da união com outros povos. Esses

---

11 Henriques, *Percursos de Modernidade em Angola*, p. 151-232.

12 Também conhecido como chokwe.

dois povos vinham disputando, muitas vezes de maneira violenta, a hegemonia da região.

O Muatiânvua Noéji, que foi visitado por Rodrigues Graça, apesar de complicações causadas pela proibição do tráfico de escravizados, contou com certa estabilidade no seu governo. Os problemas se deram na sua sucessão. Após uma série de disputas, assassinatos e golpes, um homem chamado Xanama ascendeu ao posto de Muatiânvua. Para garantir o poder, fez um acordo com o líder dos quiocos, Quissengue, e lhe concedeu as ampacas, facas que eram relíquias da corte e tinham poderes simbólicos, o que lhe tornou uma espécie de líder militar.<sup>13</sup>

Xanama teve um governo breve, mas o ato de dar as facas ao Quissengue trouxe um complicador ainda maior para a crise de sucessão. Além de inserir os quiocos dentro do governo e das relações de parentesco, as ampacas davam ao Quissengue o direito de cobrar impostos, o que deixou ainda mais tenso o conflito entre os lundas e quiocos:

Autorizava-os esta ampaca d'ahi em deante, enquanto não fosse resgatada pelo Muatiânvua, a cobrar impostos aos Muatas seus quilolos a oeste do Cassai, podendo fazer-lhes guerra se tanto fosse preciso, para os adquirir e submete-los á obediencia.<sup>14</sup>

Quilolos eram os altos membros da corte que representavam o Muatiânvua internamente e externamente. Foram eles que decidiram chamar um filho de Noéji, Xá Mandiamba, que se encontrava exilado, para assumir o governo e colocar fim à instabilidade. Carvalho encontra esse Muatiânvua eleito no caminho para a Mussumba, e decide então ajudar na sua causa, julgando ser essa a maneira mais fácil de devolver a prosperidade a Lunda. Sendo assim, Carvalho age para tentar recuperar as facas e acabar com os conflitos na região, mas suas ações não obtêm sucesso e a Mussumba acaba sendo ocupada pelos Quiocos em 1887.

O objetivo desse artigo é analisar a ação africana presente nos relatos, mas cabe frisar que os exploradores não agiam unicamente em prol do interesse imperial português. Por mais que esse fosse o motivo declarado, é possível ver, nos relatos, negociações que tinham como mobilizador o interesse pessoal do explorador. Um exemplo disso é que o próprio Graça declara que pretende negociar marfim com o Muatiânvua durante sua expedição.<sup>15</sup> É possível admitir que o interesse pessoal dos exploradores podia ir concomitante ou até mesmo concorrente ao interesse do governo português, sendo que

---

13 Carvalho, *Expedição Portuguesa ao Muatiânvua 1884-1888*, v. 3, p. 14.

14 Carvalho, *Expedição Portuguesa ao Muatiânvua 1884-1888*, v. 3, p. 13.

15 Graça, *Descrição da viagem feita de Loanda*, p. 145.

a ação dos africanos também podia se chocar com esses interesses.

## O conceito de resistência

A discussão sobre o conceito de resistência é complexa, bem como a análise de sua prática. Frederick Cooper chama atenção para o fato de essa discussão cair muitas vezes em uma dicotomia imprecisa entre colonizador e colonizado, o que impediria de se ver complexas ligações entre os agentes, além de desconsiderar elementos do campo do simbólico e a luta pela sobrevivência. Um outro problema apontado por ele é a tentativa de se buscar nos episódios de resistência um elemento fundador das nações que vieram a emergir tempos, depois com a descolonização, o que também reduziria as ações em uma generalização e seleção imprecisa. Um terceiro problema é o perigo de resumir a vida dos indivíduos em apenas um único ponto e em torno de um único propósito: resistir. Para Cooper, as relações coloniais seriam caracterizadas por “conflitos e conexões”, e não apenas imposição e resistência.<sup>16</sup>

Um outro autor importante para a discussão sobre a resistência africana à colonização europeia é Terence O. Ranger. Ele afirma que os movimentos de resistências eram ações racionais, inovadoras e tinham uma base ideológica, e não fruto de uma índole selvagem natural dos nativos, como aparece no discurso europeu, sendo muito comum no relato de Graça. Também afirma que todos os tipos de sociedades africanas resistiram, fossem elas organizadas em torno de um poder central, fossem descentralizadas em pequenas comunidades. Sendo assim, existiu uma enorme gama de possibilidades de resistência e essa cumpriria um papel importante nas comunidades.<sup>17</sup>

Os dois autores apontam para existência de uma grande variedade de resistências, com diferentes objetivos e focos. O objetivo desse trabalho é mostrar que muitas das supostas colaborações por parte dos nativos aos colonizadores portugueses não eram frutos da passividade africana, mas mascaravam ações de interesse pessoal ou coletivo que acabavam por moldar ou limitar as ações dos portugueses. Sendo assim, considerando resistência em um sentido amplo, é possível dizer que as ações caracterizadas por um suposto colaboracionismo dos nativos, sempre em evidências nas fontes europeias, também poderiam ser atos de resistência.

Um conceito muito usado na História Social da Escravidão e que muitas vezes engloba uma ideia de resistência é o de agência.<sup>18</sup> Simplesmente transferir o sentido com que agência vem sendo usada, na História Social da Escravidão, para a realidade colonial

16 Frederick Cooper, “Conflito e conexão: repensando a História Colonial da África”, *Anos 90*, 15, 27 (2008), p. 21-73.

17 Terence O. Ranger, “Iniciativas e resistências africanas em face da partilha e da conquista”, In: *História Geral da África. Volume VII: África sob dominação colonial, 1880-1935*, Brasília, UNESCO, 2011, p. 51-72.

18 Walter Johnson, “On Agency”, *Journal of Social History*, 37, 1 (2003), p. 113-124.

que estamos analisando aqui, seria um equívoco, já que se trata de uma condição diversa da vivenciada pelos escravizados na América. Nas fontes aqui estudadas, encontramos indivíduos de todos os patamares da estrutura social, que viviam sob diferentes regimes de poder e tradições, e que agiam sob diferentes códigos simbólicos. Isso implica que ideias centrais, como a de coletividade em situação de escravidão, não existiram na Angola do século XIX, ou pelo menos não da mesma forma que na América. Apesar disso, o conceito de agência ainda pode ser útil para descrever essa realidade, na medida em que nele se entende o protagonismo africano nas relações coloniais através de ações de sentidos diversos, que condicionavam os limites da colonização portuguesa. Considerando essa faceta importante, mas buscando evitar atrito com a forma com que o conceito é usado na História Social da Escravidão e também em vários outros trabalhos em que agência tem um sentido diverso, nesse trabalho é empregado o conceito de ação africana para falar do protagonismo africano.

Apesar de o foco aqui serem as resistências à colonização portuguesa, devemos admitir a existência de outros polos de poder que eram passíveis de ser questionados, como o próprio Muatiânvua. Um interessante episódio que reflete isso é narrado por Rodrigues Graça, quando encontra sobas aliados do Muatiânvua interessados em fazer uma aliança contra ele. Um deles é Catende, que protagoniza o seguinte diálogo com Graça:

Que não estando elles muito contentes com o Matianvo, era occasião, se o Maneputo quizesse, d'elles rebellarem-se, porque nada possuíam, que não estivesse sujeito aos desejos do Matianvo, e que ao menor desagrado era cortada a cabeça ao delinquente, havendo dia de muitas cabeças serem cortadas. Perguntei-lhes porque elle, e os mais potentados soffriam tão feroz despotismo? Quem nos protegerá se rompermos com o Matianvo? Só o poder do Maneputo: do contrario que tinham medo de perderem a acção, e que depois eram victimas. Inteirado por estas respostas do descontentamento que conheci haver contra o Matianvo, ainda uma vez lhe disse: É muito, estaes acostumado a um governo tão bárbaro! Respondeu-me: Que farei? Se tivesse quem me soccarresse me declarava livre do Matianvo, e dava obediência ao Maneputo.<sup>19</sup>

Tudo indica que Catende está tentando mobilizar a expedição para fazer uma aliança com os portugueses – Maneputo, ou Muene Puto, é como os nativos, nos relatos, chamavam o rei de Portugal ou outras autoridades portuguesas – e, assim, conseguir força para uma revolta contra o Muatiânvua. Isso deixa claro que as ações não se limitavam a contribuir ou resistir ao projeto colonial e aos exploradores. As relações eram mais complexas e uma série de arranjos eram possíveis dentro do horizonte de expectativas. É importante considerar que os povos nativos estavam aproveitando a presença europeia para se relacionarem entre si. Em alguns casos, talvez os portugueses fossem meros pretextos ou oportunidades para outras relações consideradas mais importantes ou

<sup>19</sup> Graça, *Descrição da viagem feita de Loanda*, p. 123.

prioritárias. Nesse sentido, vale a pena lembrar que a história dos impérios europeus e do imperialismo são compostas por “histórias entrelaçadas” de forma inseparável com a história dos reinos, impérios e pessoal dos territórios ocupados, que são, na verdade, “territórios sobrepostos”.<sup>20</sup>

A diversidade de práticas e motivações encontradas durante os relatos reflete as complexidades das ações na situação colonial. Os episódios trabalhados são apenas uma pequena parte do que pode ser extraído desses ricos relatos. O objetivo, aqui, não é o de fazer um levantamento minucioso, e sim entender as possibilidades de ação e a maneira como as pessoas podiam agir para buscar os seus objetivos.

### A sustentação da liderança dos exploradores

As expedições eram formadas por poucos homens brancos europeus: na viagem de Carvalho eram apenas três e, na de Graça, o número não é citado, mas possivelmente era equivalente, já que Carvalho aponta esse número como uma norma tradicional desse tipo de expedições portuguesas. É importante pontuar que as expedições contavam com um número razoável de ambaquistas, luso-africanos que, por compartilharem certos elementos culturais com os portugueses, como falar e escrever em português, eram muitas vezes vistos pela população autóctone e por si mesmos como brancos.<sup>21</sup> Esses desempenhavam todo tipo de função. Na expedição de Carvalho, foi um ambaquista de nome Bezerra que fez as traduções das conversas com os sobas. Apesar disso, os portugueses viam com desconfiança essas populações. Em muitas ocasiões, Carvalho desconfiou que Bezerra traduzia errado suas palavras. Além disso, antes mesmo da viagem ele recebeu uma carta de um comerciante português, chamado Custodio J. de Souza Machado, que afirmava serem os ambaquistas ladrões, os “ciganos da África”.<sup>22</sup>

Na divisão das funções dentro das expedições, os carregadores eram o maior grupo, totalizando três ou quatro centenas. Esses eram subdivididos em grupos, normalmente levando-se em consideração suas origens, e eram chefiados por uma pessoa responsável pela intermediação entre o grupo e as ordens dos portugueses, chamada de cabo. Existia um grupo composto pelos assim chamados soldados, que faziam a segurança das cargas, mas eventualmente acabavam fazendo o serviço de carregadores. Função parecida tinha um grupo de doze contratados em Luanda, mas esses eram da mais alta confiança de Carvalho. Os tradutores eram indispensáveis, sendo um dos cargos de maior confiança, normalmente desempenhado por três ou quatro indivíduos já bem habituados à cultura portuguesa e que muitas vezes sabiam ler e escrever. Existiam ainda várias pequenas

---

20 Edward Said, *Cultura e imperialismo*, São Paulo, Companhia de Bolso, 2011, p. 34-116.

21 Beatriz Heintze, “A lusofonia no interior da África Central no período pré-colonial: um contributo para a sua história e compreensão na atualidade”, *Cadernos de Estudos Africanos*, 7-8 (2005), p. 179-207.

22 Carvalho, *Expedição Portuguesa ao Muatiânvua 1884-1888*, v. 1, p. 83.

funções, como: corneteiro, cozinheiro e ajudante do chefe, sendo essas funções muitas vezes desempenhadas por um mesmo sujeito. A expedição também era acompanhada por centenas de pessoas que não tinham funções definidas, como a família dos trabalhadores e caravanas interessadas em fazer comércio. É claro que o número de pessoas na expedição podia variar de acordo com o tipo: científicas, comerciais ou de exploração. Um exemplo é a expedição de Costa à contracosta de Capelo e Ivens, entre 1884 e 1885, que começou com apenas 124 pessoas.<sup>23</sup>

Uma leitura rasa poderia levar a crer que seria muito fácil desafiar a liderança dos poucos homens brancos, mas esses contavam com ferramentas importantes para a manutenção da autoridade. A primeira é a posição que os exploradores assumiram, tanto na Lunda quanto com os indivíduos que os acompanhavam nas expedições. Eles se tornaram líderes que misturavam elementos de relações de parentesco tradicionais com a sua autoridade, sendo frequentemente chamados de pai, e os membros da expedição de filhos do Muene Puto.

Elaine Ribeiro, ao analisar a expedição de Carvalho, trabalha essa questão, mobilizando os estudos de Joseph Miller, que faz uma análise das relações de parentescos dos mbundu.<sup>24</sup> Segundo a autora, alguns grupos de trabalhadores, por serem ex-escravos, foram destituídos de seus laços de parentescos e, na expedição, “encontraram uma nova forma de integração social por meio da incorporação de elementos variados”,<sup>25</sup> o que criou uma sociedade expedicionária liderada por Carvalho, que lhe dava coesão, e também uma nova relação de laços de parentescos dado pela relação de trabalho.

Essa sociedade tinha data de validade, mas, enquanto durasse a expedição, os seus membros seriam conhecidos como filhos do Muene Puto. Essa posição de liderança se mostrou clara em vários momentos, mas o episódio mais ilustrativo é quando nasce o filho de um cabo no acampamento:

Partira a secção já depois da criança haver nascido e restabelecendo-se o silencio em todo acampamento apresentou-se-nos pouco depois o pae devidamente uniformisado e armado e a uma dada distancia perfilou-se batendo com toda a força na bandoleira da arma.

- O que há de novo, cabo?
- temos lá mais uma praça, respondeu ele, que não tem nome e venho saber como ha de chamar.
- Vae ter padrinho?

---

23 Antonio José Alves de Oliveira e José Nilo Bezerra Diniz, “Carregadores, guias e caçadores: trabalho e resistência na expedição portuguesa ao interior da África (1884-1885)”, *Revista de Ciências Sociais*, 46, 2 (2015), p. 93-115, p. 104.

24 Joseph Miller, *Poder político e parentesco: os antigos estados Mbundu em Angola*, Luanda, Arquivo Histórico Nacional, Ministério da Cultura, 1995.

25 Elaine Ribeiro, *Barganhando sobrevivências: os trabalhadores da expedição de Henrique de Carvalho à Lunda (1884-1888)*, São Paulo, Alameda, 2013, p. 240.

- Aqui o comandante é o pae, mãe e o padrinho de todos.
- Esta bem, então chama-lhe Henrique, e se viver quando regressarmos a Malanje o baptisaremos devidamente.

Démos-lhe uma gallinha para arranjar uns caldos á mãe e um pedaço de baeta encarnada para agasalhar a creança, porque já se sentia bastante frio de madrugada. O homem agradeceu, fez meia volta direita e foi para o pé da família.<sup>26</sup>

Esse trecho deixa claro que existiam algumas contrapartidas para os exploradores reconhecerem essa liderança, como o fato de Carvalho conceder presentes, sendo esse um fator determinante para a manutenção da liderança. Essa ação não se resume apenas àqueles que lhe acompanhavam. O próprio Muatiânvua o chama de “pae Noéji” (Noéji é nome do Muatiânvua visitado por Graça décadas antes, que já se encontrava morto). Isso significa que ele via Carvalho como um protetor,<sup>27</sup> principalmente quando ganhava algum presente ou buscava se esquivar de alguma crítica, delegando a culpa a seus conselheiros, como nesse diálogo em que Carvalho cobra punição a um acusado de roubos:

Aproveitamos a ocasião de dizer ao Muatiânvua, que se ele não fizesse o que lhe cumpria, collocar-se ao nosso lado e obrigar os ladrões a restituírem aos comerciantes o que lhes roubavam, não podia contar, que, nós, o continuaríamos a acompanhar, pois elle bem sabia, como tínhamos protegidos em malanje os seus cacuatás Xa Quilembe, Tambu e outros, que lá foram fazer negocios.

O meu amigo tem muita razão, disse Xa Mandiamba, e, voltando-se para os seus continuou: “vós que estaes aqui representando os velhos do Estado, sois, na verdade, muito malvados, muito mentirosos e muito intrigantes.”

“Enquanto elle, nosso amigo, meu Pae Noéji, esteve trabalhando pela minha causa, vós a todas as horas me apoquentastes os ouvidos, dizendo que elle estava tratando de se affastar de nós e mandava recados aos seus companheiros para irem juntar-se com elle.”

“O meu amigo desculpe as desconfianças que me fizeram ter a seu respeito. Vá descansar e jantar; emquanto aos roubos dos filhos de Mucanza tenha a certeza que todos serão pagos, amanhã falaremos.”<sup>28</sup>

Essa ação de jogar a culpa de alguma falha nos conselheiros era constante, sendo fruto de uma estratégia do Muatiânvua de se esquivar ou atrasar os planos de Carvalho sem o contrariá-lo diretamente. O Muatiânvua estava em jornada para obter as relíquias do país, que lhe daria de fato o título de soberano, e a presença do explorador era positiva, já que lhe dava mais autoridade frente aos seus, além de garantir presentes de luxo.

Além do laço de parentesco forjado no dia a dia da expedição, também existiam indivíduos que tinham como principal função dar suporte à autoridade do chefe

<sup>26</sup> Carvalho, *Expedição Portuguesa ao Muatiânvua 1884-1888*, v. 2, p. 310.

<sup>27</sup> Jan Vansina, “Ambaca Society and the Slave Trade c.1760-1845”, *Journal of African History*, 46, 1 (2005), p. 1-27.

<sup>28</sup> Carvalho, *Expedição Portuguesa ao Muatiânvua 1884-1888*, v. 3, p. 271.

português, através de laços já existentes. Graça não faz uma descrição da vida prática dentro da expedição, o que não nos permite conhecer as dinâmicas internas e nem quem eram essas figuras que lhe davam suporte, mas Carvalho sim, sendo que o mais destacado era Augusto Jayme.

A posição de Jayme não é de cabo. Ele mesmo deixa isso claro quando é chamado de cabo por Bezerra, um dos tradutores, e isso acaba gerando certa confusão:

Augusto Jayme, que de manhã andára batendo mato em procura de caça, teve a sua arenga com o interprete Bezerra. Este suppondo elogiá-lo pelo bom serviço que nos prestára de madrugada, auxiliando-nos em fazer seguir a secção, chamara-lhe um bom cabo de carregadores, e o Jayme desenvolveu-se-lhe a bebedeira com que se aguentava, passando-lhe em altos berros uma grande descompostura: - Que era irmão de Chico Bernardo, soba Ambango de Malanje, capitão de Sua Magestade e caçador do senhor major, que representava o soba e não era cabo; que elle interprete era apenas um morador do Golungo que para nada prestava, um bebedo, etc., etc.<sup>29</sup>

Depois do atrito, Jayme explica que agiu dessa forma porque havia uma caravana de comércio de Bángalas<sup>30</sup> próxima e, como esses eram inimigos da sua família, não podiam ouvir ele sendo chamado de cabo, pois o ridicularizariam nas suas terras. De qualquer forma, as funções de Jayme eram mais complexas: ele falava por Carvalho quando fosse necessário punir alguém ou fazer as ordens serem seguidas.

Um exemplo é quando um interessante episódio de resistência só é resolvido com a intervenção de Jayme. Carvalho encontrou Xá Mandiamba, que havia sido eleito o novo Muatiânvua, no caminho, e então decide acompanhá-lo até a Mussumba, onde ele tomaria posse. Isso gera uma série de atrasos que acabam reforçando um descontentamento entre os carregadores, que já vinha de longa data, mas foi o estopim para a organização de um movimento que tinha, principalmente, as seguintes reclamações:

- 1.º- Que já estavam há muito tempo fóra de suas casas e que o pagamento que se lhes fez em Malanje, era para uma viagem de seis mezes;
- 2.º- que para o interior estavam os potentados em guerra, para lá não havia Muatiânvua e por isso não queriam expôr as suas vidas;
- 3.º- que o Muatiânvua que os lundas reconheciam, estava na nossa companhia e por isso deviamos entregar-lhe os presentes de Sua Magestade e regressar já para Malanje.<sup>31</sup>

Os carregadores faziam algumas exigências para continuar na viagem, como o aumento do pagamento. Carvalho, preocupado com o movimento, trata logo de ir até onde os carregadores estavam e chama os líderes à sua presença, mas quem fala é

---

29 Carvalho, *Expedição Portuguesa ao Muatiânvua 1884-1888*, v. 2, p. 317-318.

30 Nas fontes, aparece nomeado dessa forma, mas esse povo também é conhecido como Imbangala.

31 Carvalho, *Expedição Portuguesa ao Muatiânvua 1884-1888*, v. 3, p. 27-28.

Augusto Jayme:

Foram chamados à nossa presença os interpretes, cabos e cabeças de fogões e sem que estes pudessem perceber os motivos de tal ordem, immediatamente Augusto Jayme lhes falou: “O sr. Major sabe das conversas que V. têm tido nos acampamentos sobre as exigências que se lembraram fazer para continuar no serviço da Expedição; mal aconselhados estão, se suppozeram serem atendidos pois não se fazem novos pagamentos, todos são suditos de Sua Magestade e obrigados a ir até á Mussumba para onde se contractaram; só ao sr. Major pertence determinar quando a expedição deve regressar embora as guerras que dizem haver no interior; V. sempre estiveram promptos a transportar as cargas de Estação para Estação, mas também sempre tiveram equal aos carregadores extranhos que se chamaram para ajudar; sendo V. bem tratados e estando contentes com o seu pae, o sr major extranha que longe d'elle, estejam desinquietando-se uns aos outros para serem falsos ao seu pae.”

“Se algum carregador quer retirar, pode fazer-lo e já; o sr major não quer filhos de má vontade ao pé d'elle; e sr. sub- chefe vai partir e os que forem com elle e quiserem voltar a buscar o sr. major venham; se não quiserem elle arranjará novos filhos.”

“V., accrescentou ainda Augusto Jayme, que são do soba Ambago, Xico Bernardo, súbdito da Sua Magestade, hão de ir para onde eu fôr; a viagem está custosa é verdade, mas o sr. major é um homem capaz e há de chegar; V. são creanças e por isso o Soba me mandou para os ensinar como se faz serviço a Sua Magestade; eu hei-de morrer ao pé do sr. major que é pae e mãe de todos”

“Sabem todos, o tempo que elle esteve em Camau, no Muquinje e no Cuêngo e nunca o viram zangado, nem triste, nem desanimado; sempre trabalhou e quando comeu carne era a que nós caçávamos.”

“Os que não são filhos do soba Ambago façam o que quiserem; quem tem vontade d'ir para a casa pode ir já”.<sup>32</sup>

Todos os cabos disseram depois que iriam seguir com Carvalho e o movimento foi desmantelado. Percebe-se que existe uma hierarquia clara na expedição, mas que essa não foi criada para ela, já que Carvalho se aproveitou de laços da tradição dos povos que o acompanham para fazer a sua autoridade valer. Talvez, se ele falasse diretamente com os cabos, a sua voz não teria tanta autoridade quanto a de um líder tradicional deles, que é Augusto Jayme e o seu irmão, soba Ambago, que mesmo não estando presente é constantemente mencionado. É importante entender que a base de sustentação da liderança dos exploradores era ampla e complexa. Ao desafiar a sua autoridade, os membros das expedições não estavam desafiando apenas o Muene Puto, mas também os seus líderes tradicionais.

Não devemos reduzir a complexidade da figura de Jayme a um simples colaborador do projeto colonial que agia cegamente, pois ele é movido por interesses próprios. Ele vivia em uma área de influência portuguesa, Malanje, que funcionava como um entreposto comercial, e esperava que a sua lealdade fosse recompensada. Além disso, o sucesso da expedição poderia aumentar o fluxo de mercadorias para a sua região, aumentando a

---

32 Carvalho, *Expedição Portuguesa ao Muatiãnvua 1884-1888*, v. 3, p. 42-44.

prosperidade do seu povo. Sendo assim, essa suposta colaboração faz sentido dentro de uma lógica interna das sociedades tradicionais, não sendo uma imposição externa, dos portugueses que, neste caso, foram usados como uma espécie de ferramenta, sendo mobilizados pelos africanos para se relacionar entre si.

A sociedade expedicionária tinha um código de conduta interno muito claro. Se por um lado os exploradores podiam cobrar lealdade, por outro tinham uma série de obrigações a cumprir, tais como dar proteção, segurança e sustento; se isso não ocorresse, a chance de fugas e revoltas era maior, como de fato chegou a ocorrer. É interessante perceber que os africanos, conscientes desse código, conseguiam moldá-lo e limitar a vontade dos colonizadores, como o caso do Muatiãnvua, que conseguiu se esquivar e atrasar os desejos de Carvalho em vários momentos. No caso do Jayme, é possível ver uma clara negociação de benefícios: quanto mais a presença dele se tornava indispensável para Carvalho, mais poder de negociação ele ganhava.

### José Faustino e a lealdade recompensada

José Faustino foi um membro da expedição um pouco apagado no relato de Carvalho, não sendo citado muitas vezes. Mesmo assim, foi fundamental para a conclusão da expedição. No primeiro volume da obra de Carvalho, José Faustino é citado apenas uma vez. Mas nos outros volumes ele aparece como um dos mais importantes companheiros de Carvalho, chegando a acompanhá-lo até Lisboa depois do término da expedição. Como o relato segue uma ordem cronológica, é possível interpretar que José Faustino foi ganhando mais importância ao longo do tempo.

A primeira participação importante de José Faustino foi como um dos que primeiro se levantaram para apagar o incêndio que atingiu o acampamento no dia 09 de maio de 1885, no Vale do Camau, onde a expedição se encontrava estacionada por causa da fuga de vários carregadores. Após o episódio, a região, que fica entre os rios Cuango e Cuengo, ganhou o nome de Vale das Amarguras. O incêndio teria sido causado pela ação de dois carregadores que caçavam gafanhotos através de queimadas, mas, como era tempo de seca, o fogo se descontrolou e atingiu o acampamento.

Faustino foi o responsável direto pelo salvamento da canoa, mas perdeu suas coisas:

Perderam-se algumas armas Winchester e Westley-Richards revólveres, traçados, poltronas, correame, massos de cartuchos embalados e desembralados, cargas Lafaucheux e outras, camas de campanha, etc. E o José Faustino, esse, apenas ficou com o que tinha no corpo! O pobre homem lidára e animára os carregadores a trabalharem, e por isso lhe cedemos a cama do empregado europeu que fôra em diligencia a Malanje e demos-lhe da nossa parte algumas roupas brancas, e uma andaima de fato já usado de flanela mas em estado de

O fato de Carvalho ter cedido uma cama para José Faustino é um significativo reconhecimento do seu trabalho e lealdade, já que dormir em cama era um símbolo da civilização. Também dá a indicação de que ele, ao animar os homens a trabalharem, fosse uma espécie de intermediário cuja autoridade era reconhecida pelos demais trabalhadores.

José Faustino vira uma espécie de “faz tudo” da expedição, talvez a atividade mais curiosa que ele tenha exercido foi a pesca com dinamite. Essa atividade lhe foi ensinada por Carvalho, e se tornou responsável por alimentar a expedição por diversas vezes com os peixes pescados,<sup>34</sup> além de fazer apresentação aos sobas pelo caminho, em demonstrações das potencialidades dos portugueses.

José Faustino tinha um bom tempo livre, talvez por não ter um trabalho bem definido e pelo fato de que as obrigações que fazia tomavam pouco tempo, já que a atividade de professor, que ele também exercia, era limitada a um horário bem pequeno do dia e a de despenseiro se tornava inútil, pois a certa altura já não havia o que guardar. Segundo Carvalho, foi essa ociosidade que fez com que José Faustino tivesse tempo para encontrar uma esposa.

A expedição se encontrava há cinco meses estacionada no Mazembe, onde Muatiânvua Xá Mandiamba esperava a chegada dos seus potentados aliados e a resolução da querela com os quiocos para seguir para a Mussumba, quando José Faustino foi pego com a filha do primeiro Carúla, o tio do Muatiânvua. Por se tratar de uma nobre, o casamento foi tratado diretamente com Muatiânvua, e o acordo não foi fácil de se arranjar. Primeiro tentaram convencer o soberano “que José era na verdade um rapaz que na sua terra valia mais de quantos príncipes havia na Lunda, que tinha muitas terras e muitos negócios; que tinha ido já muitas vezes as terras de Muene Puto, etc.”<sup>35</sup> Talvez se convencendo da importância de José Faustino, foram pedidas cinquenta peças (cortes de tecidos) para arranjar o casamento, mas ele obviamente não podia pagar. Ainda tentou-se argumentar que, em suas terras, José Faustino poderia pagar o triplo, mas por se encontrar em viagem nada tinha. A desculpa não convenceu e o trato não foi feito no primeiro momento, e a negociação se estendeu por mais alguns dias.

A questão de José Faustino, apesar dos seus pedidos e muito trabalho, e da nossa intervenção, levou tres dias successivos, sem que elle descansasse, e ainda sim, teve de pagar por tudo, artigos diversos, em valores superiores a trinta réis, dois mezes de seus vencimentos, o que tudo elle deu por muito bem empregado, porque ficou com sua Paciencia, nome com que elle baptisou a sua formosa companheira, querendo assim demonstrar-lhe, que, se não fosse a sua muita paciencia, não tinham conseguido acazalar-se, como eram o desejo de

---

33 Carvalho, *Expedição Portuguesa ao Muatiânvua 1884-1888*, v. 2, p. 270.

34 Carvalho, *Expedição Portuguesa ao Muatiânvua 1884-1888*, v. 2, p. 290.

35 Carvalho, *Expedição Portuguesa ao Muatiânvua 1884-1888*, v. 3, p. 593.

ambos.<sup>36</sup>

Outro ponto interessante da trajetória de José Faustino é a sua fidelidade e sacrifício pela sobrevivência de Carvalho. O retorno da expedição a Luanda foi seu momento mais difícil: como essa durava para além dos dois anos planejados, os recursos acabaram e a fome se abatia sobre os que ainda permaneciam que, segundo Carvalho, ficaram de maneira voluntária e fazendo um esforço muito além para o qual foram contratados. É complicado saber até que ponto esse voluntarismo descrito era verdadeiro, podendo ser um discurso que visava criar certa simetria entre as relações. De qualquer maneira, Carvalho expressa grande gratidão a esses homens.

Bons rapazes; nunca esquecerei as provas de deferencia, que ainda nas ocasiões as mais criticas, fiquei devendo a estes meus companheiros!

Que me importa a côr, a sua origem, o seu nascimento, a sua humilde posição, seu estado social e de onde vieram! Sei que são homens de sentimento, que fracos e abatidos pela fome se exforçavam a derrubar palmeiras, para irem em seguida cozinhar os palmitos, ou arrancavam as raízes da terra, até poderem encontrar tuberculos, que coziavam em agua, para me alimentar...<sup>37</sup>

José Faustino teve importância especial nesse momento difícil, já que na função de cozinheiro teve que se desdobrar para cozinhar qualquer coisa que aparecesse. Carvalho chega a dizer: “o José, que era magnifico para me salvar de rascadas culinárias”.<sup>38</sup> José Faustino parecia conhecer bem a flora local e colocava esse conhecimento a favor de Carvalho. Por exemplo, quando os cigarros acabaram, foi José Faustino quem buscou folhas de Liamba<sup>39</sup> para aliviar o vício do chefe.<sup>40</sup>

José Faustino também teve grande importância na elaboração de documentos oficiais da expedição. Talvez por ser um dos poucos que sabia ler e escrever, a função de secretário volta e meia recaía sobre ele. Não se limitando apenas a escrever, Faustino influenciou os termos acordados, por exemplo, quando advogou a favor da criação de uma escola na Lunda, em que estudariam membros da expedição, sendo obrigatória para os menores, e habitantes locais interessados, na qual ele seria o professor. Alguns trabalhadores devem ter aproveitado as aulas de José Faustino, já que se corresponderam com Carvalho após o término da expedição.<sup>41</sup>

Carvalho defendia uma política de assimilação e chegou a agir para fundar escolas em Luanda. A educação que Carvalho propunha tinha claro cunho imperialista, já que defendia a formação de um homem voltado ao trabalho, de modo que fosse possível

---

36 Carvalho, *Expedição Portuguesa ao Muatiânvua 1884-1888*, v. 3, p. 595.

37 Carvalho, *Expedição Portuguesa ao Muatiânvua 1884-1888*, v. 4, p. 11.

38 Carvalho, *Expedição Portuguesa ao Muatiânvua 1884-1888*, v. 4, p. 38.

39 Uma planta do gênero *Cannabis*.

40 Carvalho, *Expedição Portuguesa ao Muatiânvua 1884-1888*, v. 4, p. 162.

41 Elaine Ribeiro, *Barganhando sobrevivências: os trabalhadores da expedição de Henrique de Carvalho à Lunda (1884-1888)*, São Paulo, Alameda, 2013, p. 247.

controlar a natureza dos nativos, além de ser um meio propagandístico. Para Portugal, era importante mostrar que eles seriam capazes para civilizar os indígenas<sup>42</sup>, para assegurar o território frente às outras potências. É muito claro o interesse de Carvalho de fundar uma escola na expedição, mas qual seria o interesse de José Faustino?

José Faustino começou a expedição como um simples ajudante que colocava a mesa para Carvalho. Ao angariar mais funções, ele se tornou cada vez mais importante. Como professor, ele atuava diretamente como um agente da política colonial, muito embora seja difícil saber se o que ele ensinava estava de acordo com essa política. É possível perceber na trajetória de José Faustino uma estratégia de sobrevivência, que por sua vez também era de resistência: ele não resistia diretamente à política colonial ou à ordem, mas usou delas para alcançar lugares que a princípio não pertenceriam a ele, como a própria metrópole.

Após o término da expedição, José Faustino e Antônio, um dos trabalhadores mais próximos de Carvalho, acompanharam-no até Lisboa. Carvalho alugou uma hospedaria para eles e conseguiu empregos em oficinas locais, porém, após um mês, eles alegaram sentir muita saudade de suas companheiras e voltaram para Luanda com presentes para a família.<sup>43</sup>

Para os trabalhadores, a expedição até Muatiânvua foi muito complicada, pois eles passaram privações, como fome e sono, e correram risco de vida em várias situações. Alguns de fato morreram, trabalharam períodos exaustivos e exploratórios por baixos salários, mas a expedição também foi um marco na vida dessas pessoas. É difícil afirmar que a vida dos trabalhadores melhorou após a expedição, mas alguns de que temos informações conseguiram, através da intervenção de Carvalho, comprar propriedades, receber reconhecimento oficial do governo português e retornar para sua terra natal, como foi o caso do carregador Xavier, que teve seu pedido de ajuda financeira, para voltar para sua terra, atendido por Carvalho.<sup>44</sup>

Esse tipo de recompensa pela lealdade foi conquistado aos poucos, podendo até ser encarado como uma maneira de manter a autoridade, mas é um tipo de abertura possível para os indivíduos terem seus interesses alcançados. É possível pensar que a lealdade dos empregados, que à primeira vista parece uma simples submissão passiva, é, na verdade, uma estratégia de resistência dentro da ordem colonial, mas que subverte essa ordem, já que acabou trazendo ganhos que não se encontravam inicialmente acessíveis a esses indivíduos.

No caso específico de José Faustino, o seu crescimento de importância dentro da

---

42 Na visão de Carvalho, os indígenas eram aqueles que ocupavam os setores mais baixos na hierarquia civilizacional.

43 Carvalho, *Expedição Portuguesa ao Muatiânvua 1884-1888*, v. 4, p. 730.

44 Carvalho, *Expedição Portuguesa ao Muatiânvua 1884-1888*, v. 4, p. 723-724.

sociedade expedicionária foi causado diretamente pela sua ação, que negociava novas atribuições, como no caso da escola. A importância que teve na expedição fez com que ele conseguisse ganhos que seriam impossíveis como empregado de vapor, sua função antes da expedição, como casar-se com uma nobre e viajar até Lisboa.

É difícil saber se as ações eram planejadas visando os lucros posteriores, mas era um tipo de atuação possível dentro da ordem colonial, que foi usada pelas pessoas para amenizar os efeitos negativos que essa ordem causava. A ação dos trabalhadores, como José Faustino, não pretendia inviabilizar o regime colonial português e toda a violência intrínseca, mas nem por isso deixa de ser uma ação de resistência.

### Maneputo é Dembo e Alala: o fracasso da expedição de Rodrigues Graça

De todas as práticas de resistência que ganharam destaque nos relatos, a que teve mais sucesso levou a expedição de Graça ao fracasso, tendo como consequência enormes prejuízos e a desonra do explorador. Quando chegou às terras da Mussumba, onde governava o Muatiânvua,<sup>45</sup> o explorador foi muito bem recebido e parecia, que apesar de algumas dificuldades, seria perfeitamente possível fazer um acordo de comércio e de vassalagem com o soberano.

No primeiro encontro, que ocorreu em setembro de 1846, o Muatiânvua não se mostrou muito feliz com a proibição do tráfico de escravizados, chegando a expor as dificuldades que tinha passado por causa da redução do comércio:

Tenho ouvido dizer que já não comprem tantos escravos, e que mais procuram cêra e marfim; e a proibição d'elles tem causado a falta de fazendas, e mais generos do nosso costume e motivo porque os negociantes tem sofridos prejuízos: são innumeraveis os meus povos, os tributos que recebo de meus potentados são escravos, marfim, cêra, ferro, cobre, enxadas, pelles de feras, além de que está em pratica escravizar os que commettem crimes de assassinio, roubo, adultério, desobedientes, feiticeiros, e não havendo quem os compre, somos obrigados a manda-los matar para exemplo dos demais, e se o Maneputo prohibir a venda d'elles, outro meio não me resta para puni-los.

Foram mais felizes os meus antecessores, porque comerciaram em escravos, eles eram procurados n'estas terras; havia abundancia de fazendas, agora faltam. Estou prompto a cumprir suas ordens debaixo das seguintes condições: Há de o maneputo conceder a compra de meus escravos para a Calunga, e que seja o commercio como no tempo dos meus antecessores.<sup>46</sup>

Em seu argumento, o soberano tenta justificar, com o declínio do comércio escravista, os roubos às caravanas de comércio e as condenações a morte, que, por estarem sendo feitas de maneira excessiva, estavam causando desordens nos potentados. Ele cita especificamente a Calunga, ou Kalunga, que é o nome que se dava ao oceano

45 No relato aparece com o nome de Matianvo.

46 Graça, *Descrição da viagem feita de Loanda*, p. 134.

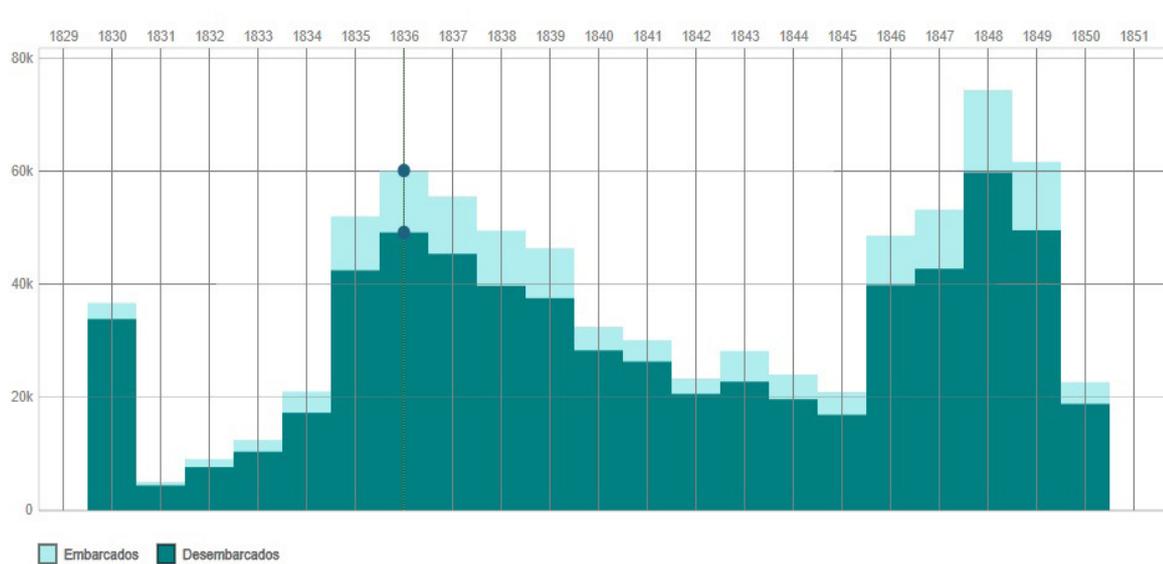
Atlântico nas culturas abundas, com tons religiosos.<sup>47</sup>

Isabel Castro Henriques, ao analisar o relato de Graça, afirma que os diálogos que ressaltam certo revés com o decreto de abolição do tráfico de escravizados são vinculados, nos discursos, com o propósito de dar legitimidade à escravatura.<sup>48</sup> Segundo a autora, a sustentação do poder das autoridades africanas dependia de um grande número de escravos, o que fazia com que o comércio interno também fosse intenso:

Podemos, apesar disso, aperceber-nos da existência de dois círculos da escravatura que funcionaram interligados, mas não devem ser confundidos: o do tráfico destinado aos Europeus, ou até assegurados por eles, os tráficos internos, África-África, que permitem, às vezes, que escravos provisórios – como nas situações em que há escravos “empenhados” – possa ser apoiado e até resgatado pelo seu grupo. A abolição do tráfico negreiro perturba os sistemas africanos, porque lhes retira a sua mercadoria preferencial, mas os circuitos internos mantêm-se intactos.<sup>49</sup>

Sendo assim, o Muatiãnvua não teria grande dificuldade em exilar os criminosos como escravos em outras regiões da própria África. É importante notar, também, que mesmo com a proibição em 1836, o comércio atlântico de almas não parou, apesar de ter sofrido uma acentuada queda.

**Gráfico 1** - Variação do comércio de escravizados embarcados na África Centro-Occidental e Santa Helena, independente da região de desembarque.



Fonte: *The Trans-Atlantic Slave Trade Database*. Disponível em: <http://www.slavevoyages.org/>, acesso em 09/10/2018.

Por mais que o decreto de abolição do tráfico possa ter perturbado os circuitos da escravatura, de maneira alguma o extinguiu, sendo que essa via continuava dentro

47 Alexandre A. Marcussi. *Cativeiro e cura: experiências da escravidão atlântica nos calundus de Luzia Pinta, séculos XVII-XVIII*. São Paulo, 2015. 510 f. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

48 Henriques, *Percursos de Modernidade em Angola*, p. 171.

49 Henriques, *Percursos de Modernidade em Angola*, p. 174.

das possibilidades dos soberanos para conseguir mercadorias trazidas pelos europeus, as “mercadorias preferenciais” citadas por Henriques. As consequências da redução do comércio de escravizados podiam estar sendo exageradas dentro dos discursos, seja de Graça ou do Muatiânvua, mas não me parece improvável que o Muatiânvua estivesse de fato tentando pleitear um acordo de comércio de escravizados com Graça.

O que importa aqui é que Graça tenta convencer o Muatiânvua a abandonar o comércio de escravizados e se concentrar em outras fontes de renda, como o marfim, afirmando que suas ações estavam próximas de ter o objetivo realizado e ainda conseguir um bom lucro:

Visitando todos os dias o Matianvo, tendo audiencias com seus nobres, mostrando-lhes a vantagem que lhes resultava de aliarem-se, ou avassallarem-se a Sua Magestade, a Rainha, dando-lhes ofertas de valor, e fazendo-lhes ver a cegueira em que viviam, entrando a fundo em suas forças, fazendo-lhes perguntas sobre os tributos que se recebem anualmente de seus povos e potentados, para por esse meio, conhecer o redito annual, a extensão de suas terras, etc. Conseguindo felizmente entrar em todos estes conhecimentos, e engaja-lo por nosso fiel alliado, bem como que o Matianvo aprontasse grande porção de marfim e escravos, que calculei em 10 a 12:000\$000 reis, pelo preço médio, bem como destinasse um dos seus filhos de 15 a 16 annos, para ser remmettido a S.Ex.<sup>a</sup> afim de educar-se.<sup>50</sup>

Apesar disso tudo, todo trabalho fracassa, chegando ao ponto de Graça ter que fugir da Mussumba. Isso tudo é atribuído à ação de uma única pessoa, D. Anna Joaquina dos Santos Silva, ou Dembo e Alala, como era conhecida no interior da Angola. Filha de um português e uma luso-africana, foi uma das maiores, se não a maior, traficante de pessoas escravizadas do período.<sup>51</sup> Primeiramente, ela ajudou a expedição com mercadorias que seriam trocadas na Lunda. Mas, em um dado momento, chegaram pessoas enviadas por ela trazendo presentes ao Muatiânvua e espalhando intrigas sobre Graça:

Os seus enviados, achando-se nesta possessão cheios de orgulho, dizendo ao regulo que o explorante não era ninguém, meramente um sócio de sua ama, que as ordens que se haviam publicado eram falsas, que taes ordens não haviam: que em Loanda só sua ama é que tinha direito de mandar ordens ao regulo, e a seu potentados; que a senhora de Angola era ella; que o explorantes havia enganado o regulo e seu estado, para, por este meio, fazer o seu negocio e fortuna, acrescentando a escrava Eufrozina, que se o Matianvo mandasse a sua ama os macotas receber suas ordens, como Dembo e Alala, senhora de todas estas terras, que ella lhe dava um peça de artilharia, visto os Matianvos com tanta instancia a tem pedido para grandeza de seus Estado.<sup>52</sup>

O Muatiânvua acreditou nos enviados de Dona Anna Joaquina, o que é mais

---

50 Graça, *Descrição da viagem feita de Loanda*, p. 145.

51 Douglas L. Wheeler, “Angolan Woman of Means: D. Ana Joaquina dos Santos e Silva, Mid-Nineteenth Century Luso-African Merchant-Capitalist of Luanda”, *Santa Barbara Portuguese Studies Review*, 3 (1996), p. 284-297.

52 Graça, *Descrição da viagem feita de Loanda*, p. 144.

um ponto que colabora com a hipótese de que ele estava interessado na continuidade do comércio de escravizados pelo atlântico, já que prefere apoiar uma traficante do que acreditar em Graça e fazer um acordo com a Coroa Portuguesa. É preciso considerar que o poder de Dona Anna Joaquina deve ter pesado na decisão, já que pela quantidade de riquezas que mobilizava através do comércio de escravizados ela era alguém que detinha influência. Com isso, ele toma como medida a expulsão de Graça do seu território e ainda saqueia suas cargas. Para o explorador só restou lamentar a sua desgraça:

Viu, com lagrimas nos olhos, fugir-lhe a gloria, que lhe estava preparada, conduzindo a esta Cidade o filho do grande regulo, e um como tributo dirigido a S. Ex.<sup>a</sup> computado em 10 a 12:000\$000 réis; viu, contrastado, a nação perder um feudatario sem dispêndio, que tão útil se tornaria para o futuro, e apoz elle os outros potentados; viu desvanecidas as doutrinas pela explorante espalhadas desde as fronteiras até esta remota região; viu definhada pelo sopro da mais pérvida traição encarregada a escravos, a planta da religião, que mais tarde se ramificaria por este solo tão bárbaro hoje; viu inutilizadas as instrucções do Governo, e vilipendiado o seu caracter!!!<sup>53</sup>

A desgraça de Graça parecia não ter fim, além do fracasso da missão, ele contabilizou enormes perdas pessoais e, ao chegar na sua morada, percebe que ali também se deu enormes prejuízos:

Tem mais o explorante o dissabor de deixar ficar em poder do regulo e seu estado 418 pontas de marfim por 418 banzos de fazenda, sendo aquelle todo de lei, valor correspondente, termo médio, a 30:000\$000 réis pertencentes ao explorante, e a D. Anna Joaquina dos Santos Silva, por sociedade constante de tratos commerciaes; perda, que se resultar, se deve á dita D. Anna; pois se tal offerta e quejandos mandatários por ella não fossem a esta enviados, o regulo e seu estado tudo satisfariam, e o explorante com gloria desceria, apresentando-se a S. Ex.<sup>l</sup> com o filho, tributo e vassallos de tão forte potentado!!! Tocado do mais doloroso sentimento vê o explorante perdidos seus trabalhos desde 1843 a 1847; e perdida a esperança de reconquistar o animo do Matianvo, salvo se ali tornar revestido de um caracter, que faça conter o despeito do regulo, dando credito ás minhas palavras. Para esta empresa deixou o explorante sua sesmaria e escravos, deixou suas filhas ao desamparo no sitio do Bango, Districto de Golumbo-Alto, vindo achar sua casa varejada, suas filhas nuas, seus escravos foragidos pela prepotência de sua sócia!!! D. Anna Joaquina dos Santos é authora de todos estes males.<sup>54</sup>

No fim do relato, Graça pede à Coroa Portuguesa que Dona Anna Joaquina seja levada à justiça e ele recompensado por todo seu prejuízo. O intuito de fazer com que ela parecesse culpada pelo fracasso da expedição pode ter feito Graça exagerar em algum ponto, como no trecho em que o Muatiânvua, influenciado por ela, teria dito: “Maneputo é Dembo e Alala”.<sup>55</sup> Apesar disso, é possível afirmar que ela de fato sabotou a expedição, em que ela teoricamente era sócia, na busca da manutenção de uma posição.

Dona Anna Joaquina era uma das pessoas mais influentes de Angola, dona de

---

53 Graça, *Descrição da viagem feita de Loanda*, p. 144.

54 Graça, *Descrição da viagem feita de Loanda*, p. 144-145.

55 Graça, *Descrição da viagem feita de Loanda*, p. 144.

uma das maiores fortunas, que se materializa no esplendor de seu palácio, uma das maiores construções do século XIX em Luanda. Ela construiu seu nome através do comércio de escravizados. Sendo assim, não era nada interessante para ela que a região da Lunda, que era de onde se originava a maior parte das pessoas escravizadas embarcadas no litoral,<sup>56</sup> fizesse um acordo de vassalagem com a Coroa e parasse com o comércio. Pode-se afirmar, então, que ela sabotou a expedição em uma tentativa de perpetuar o tráfico, visando a manutenção do seu poder. O fato de ela ter inicialmente se associado ao empreendimento pode estar ligado a uma estratégia de mascarar suas reais intenções, parecendo formalmente como uma colaboradora da Coroa.

A ação de Dona Anna Joaquina nos indica que o fato do decreto de abolição do tráfico de escravos de 1836 não ter tido o efeito desejado pode estar ligado à ação de comerciantes que não queriam abrir mão desse lucrativo comércio, bem como à ação de potentados como o Muatiânvua, que via no comércio escravista uma fonte de rendas. Valentim Alexandre, ao analisar essa questão, não chega a negar a existência dessas ações, mas dá maior importância às dificuldades internas da metrópole, como as instabilidades políticas, a necessidade de investir no próprio país, a recusa dos portugueses de imigrarem para Angola, entre outros.<sup>57</sup> A existência de uma ação de resistência que teve um grande sucesso, com a de Dona Anna Joaquina, indica que o papel dos traficantes de pessoas escravizadas no fracasso do decreto de 1836 pode estar sendo subestimado pela historiografia.

O exemplo de Dona Anna Joaquina demonstra que mesmo figuras mais próximas do poder central e que muitas vezes agiram em prol desse poder, como os traficantes de escravizados, são capazes de questionar e até derrubar políticas coloniais vindas da metrópole. As relações internas e a manutenção de poderes eram mais prioritárias do que os planos coloniais portugueses, o que fazia com que determinados indivíduos, mesmo sendo introduzidos na cultura portuguesa, fossem um foco de resistência a esses em determinadas situações.

## Conclusão

José Faustino, Muatiânvua Noéji, Muatiânvua Xa Mandiamba, Augusto Jayme, D. Anna Joaquina do Santos Silva e os carregadores revoltosos são apenas alguns dos personagens registrados nas fontes imperiais portuguesas que atestam que as populações autóctones de Angola, bem como os luso-africanos, não ficaram passivos frente às políticas coloniais da Coroa Portuguesa, sendo membros ativos da sua própria realidade histórica.

Além disto, demonstram que os conceitos de “colaboracionismo” e “resistência”

---

56 Valentim Alexandre, “Portugal em África (1825-1974): uma perspectiva global”, *Penélope*, 11, (1993), p.54.

57 Alexandre, “O império português (1825-1890)”, p. 965-968.

tratados de maneira estanque devem ser revistos. Todos esses personagens, em uma visão tradicional, seriam entendidos com colaboradores do colonialismo português, mas é possível perceber que as histórias desses sujeitos são mais complexas. As relações envolviam interesses diversos, tais como a manutenção de uma posição, como no caso dos Muatiãvuas e de D. Anna Joaquina, a possibilidade de uma ascensão social ou benefícios, como no caso José Faustino e Augusto Jayme, ou a sobrevivência, como no caso dos carregadores. Os indivíduos estavam a todo momento agindo em nome desses interesses diversos, o que acabava por limitar, condicionar, moldar e atrasar o interesse colonial português, materializado na figura dos exploradores. Sendo assim, parece correto afirmar que os indivíduos, aqui citados, cada um à sua maneira, resistiram.